

# METODOLOGIAS ATIVAS NO CURSO DE PSICOLOGIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

ACTIVE LEARNING METHODOLOGIES IN THE  
PSYCHOLOGY COURSE: EXPERIENCE REPORT

METODOLOGÍAS ACTIVAS EN EL CURSO DE  
PSICOLOGÍA: UN RELATO DE EXPERIENCIA

*Paula Figueiredo Poubel*

Psicóloga, Doutora em Educação e Docente de Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT),  
campus Cuiabá. Contato: paula.poubel@ufmt.br

## Resumo

Este artigo apresenta um relato de experiência da aplicação da metodologia role play em uma aula na disciplina de Estágio Básico I em contextos socioeducativos, no curso de Psicologia. Os estudantes simularam um momento de observação no campo de estágio em uma escola estadual e vivenciaram as experiências dos papéis desempenhados, quais sejam: professora, estudantes e estagiários de Psicologia. Essa experiência demonstrou o potencial das metodologias ativas na integração entre a cognição, o afeto e os vínculos sociais. Os estudantes, ao experenciar os papéis no movimento e sensações dos corpos puderam comunicar suas concepções sobre o contexto educacional, o papel da Psicologia nas escolas e o exercício da profissão. A docente pôde identificar algumas expectativas e concepções sobre o estágio, a postura dos estudantes frente aos desafios que este apresenta e teve a oportunidade de tecer reflexões em articulação com o referencial teórico da disciplina.

**Palavras-chaves:** Metodologias ativas. Role play. Psicologia.

## Abstract

This article presents a case report on the application of the role-play methodology in a class for the Basic Internship I course in socio-educational contexts, in the Psychology program. The students simulated an observation moment in the internship field at a public school and experienced the roles performed, namely: teacher, students, and Psychology interns. This experience demonstrated the potential of active methodologies in integrating cognition, emotion, and social bonds. By experiencing the roles through movement and bodily sensations, the students were able to communicate their conceptions about the educational context, the role of Psychology in schools, and the practice of the profession. The teacher was able to identify some expectations and conceptions about the internship, the students' attitudes toward the challenges it presents, and had the opportunity to make reflections in connection with the theoretical framework of the course.

**Keywords:** Active methodologies. Role play. Psychology.

## Resumen

Este artículo presenta un relato de experiencia sobre la aplicación de la metodología de juego de roles en una clase de la asignatura de Prácticas Básicas I en contextos socioeducativos, en el curso de Psicología. Los estudiantes simularon un momento de observación en el campo de prácticas en una escuela estatal y vivenciaron las experiencias de los roles desempeñados. Esta experiencia demostró el potencial de las metodologías activas en la integración de la cognición, el afecto y los vínculos sociales. Los estudiantes, al experimentar los roles en el movimiento y las sensaciones de los cuerpos, pudieron comunicar sus concepciones sobre el contexto educativo, el papel de la Psicología en las escuelas y el ejercicio de la profesión. La docente pudo identificar algunas expectativas y concepciones sobre la práctica, la actitud de los estudiantes frente a los desafíos que esta presenta y tuvo la oportunidad de desarrollar reflexiones en articulación con el marco teórico de la asignatura.

**Palabras clave:** Metodologías activas. Role play. Psicología.

## Introdução

Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

Como ocorre a aprendizagem? Tal indagação orienta e permeia o fazer de professores desde os anos iniciais do ensino básico ao observar o processo de aprendizagem de uma criança até a formação de jovens, adultos e idosos. Por sua vez, o ensino superior no Brasil também se depara com diversos desafios, dentre eles a proposição de metodologias que articulem e potencializem aprendizagens significativas e gerem impactos sociais.

As concepções e teorias sobre os processos educativos constroem a formação de docentes e, por conseguinte, embasam suas práticas. A reflexão apresentada neste artigo apresenta os conceitos da educação bancária e educação libertadora, cunhados por Paulo Freire (1997), e a articulação que o autor identifica entre cada abordagem e as metodologias de ensino que são construídas, bem como as suas intencionalidades.

A partir dessas chaves de leitura para a problematização das metodologias adotadas em aula, este artigo visa indicar como se delineiam as propostas das metodologias ativas, enquanto possibilidades de fomentar a autoria dos educadores e educandos em relações mais pautadas pelo diálogo e criatividade dos atores.

Objetiva-se, a partir do relato de experiência de uma aplicação da metodologia de *role play*, ou dramatização, em uma disciplina do curso de Psicologia, refletir sobre os desafios e potencialidades vividos nesta experiência.

## As concepções de educação e seus desdobramentos

O patrono da Educação brasileira, o educador e filósofo Paulo Freire (1997), em seus estudos e práticas no campo educacional, denunciou a educação comprometida com a reprodução dos saberes apresentados pelos educadores, que ele chama de bancária, em que os educandos são vistos como depósitos que recebem

passivamente os conhecimentos transmitidos, e anunciou como contraponto a perspectiva de uma educação libertadora, em busca da problematização da realidade social, tendo em vista a crítica e autonomia do sujeito.

Essas duas formas de conceber a educação produzem diversos desdobramento, alguns relacionados à forma de atuação, as estratégias metodológicas. A educação bancária se organiza por relações pautadas pela narração ou dissertação de conteúdos, estáticos e alheios às experiências dos educandos, que necessitam ser memorizados e reproduzidos. A cena tantas vezes repetida é a de um professor ou uma professora reproduzindo um conteúdo, com ou sem recursos didáticos, como uma lousa, enquanto os estudantes ouvem sem interromper e memorizam o que foi dito a fim de conseguir responder as questões de atividades avaliativas, como as provas.

O educando, visto como aquele que não sabe, se resigna em posição de sujeição e passividade e se ajusta, assimila, o conteúdo que é transmitido pelo educador. O momento de validação ou não do aproveitamento dos estudantes acontece nas avaliações em que se mede o conteúdo que foi repetido por haver sido decorado. Brighente e Mesquita (2016) identificam na denúncia de Paulo Freire essa imagem de um corpo negado e proibido da possibilidade de ser, criar e comunicar sobre sua leitura da realidade.

De outra maneira, a educação libertadora freireana propõe o diálogo, a conscientização do homem-sujeito, que no encontro com um educador, que possui seu lugar legitimado como um corpo consciente, sensível e emocionado, que se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade.

Assim, quando o corpo, a consciência e a sensibilidade do docente encontram espaço e validação para o exercício de ensinar e aprender, em um contrato pedagógico que respeite a liberdade e criação dos estudantes.

Como enfatiza, Brighente e Mesquita (2016),

Conhecendo um pouco da herança histórica, entendemos o motivo de a instituição escolar não permitir que os corpos se libertem, se humanizem e vivenciem sua condição natural de ser mais. A própria estrutura física da instituição,

as cercas, os muros, as posições dos alunos dentro das salas de aulas (cada um em sua carteira enfileirada), a constituição de filas para manter a ordem, o panóptico, como Foucault (2009) descreve, já aguardam os educandos para moldá-los, discipliná-los e dizer a eles como seus corpos devem se comportar (p.162).

O movimento dos corpos se mostra como uma questão pertinente para o desenvolvimento das atividades educativas. Na perspectiva da educação bancária o estudante é visto como aquele que precisa ser contido e moldado em comportamentos tidos como mais ou menos adequados, ou ajustados. Já na educação libertadora, a concepção de ser humano assume diferente perspectiva, em que os processos de formação, expressão e liberdade precisam abranger sua totalidade.

Em semelhante postura ética e filosófica, Vigotski (2013), psicólogo com importante contribuição para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem, apresenta a concepção de ser humano como um ser integral, unidade indivisível entre corpo e alma, cognição e emoção (Vigotski, 2013).

Conforme indica Vilela (2020),

Para entender o que vem a ser o corpo do homem, é preciso analisar não somente o corpo biológico, mas também, e principalmente, o corpo que extrapola os limites da anatomia e da fisiologia, o corpo que aprende e que ensina, o corpo que fala e que escuta, o corpo que interage com outros corpos no espaço e no tempo (p.171).

Para o Vigotski (2013), os processos de desenvolvimento, ensino e aprendizagem, ocorrem nesse corpo e integra essas esferas. Dentre os diversos aspectos contemplados nos processos de ensino, a pessoa pode ser vista de forma inteira ou fragmentada, a depender da postura ética e filosófica dos atores envolvidos. Nesse processo, Freire (1991) indica que “[...] não se passa do mundo concreto à representação mental senão por intermédio da ação corporal” (p. 75).

Quando apenas as aquisições cognitivas, apresentadas em processos avaliativos, são consideradas em atividades de transmissão, que pressupõem a passividade na recepção e repetição dos saberes em provas, o corpo em toda a sua potência é negado. Este é então visto como recep-

táculo de instruções e conteúdo. Dessa forma, a criação, a novidade, o questionamento, o diálogo e as diferenças são colocados em segundo plano, ou são apenas desconsiderados.

### **As metodologias ativas como ferramentas para a educação libertadora**

As estratégias pedagógicas, métodos e técnicas são utilizadas desde as primeiras relações de ensino e, no campo educacional, na relação com os corpos, já passaram por cópia de conteúdo no quadro negro, ditado, prova oral ou impressa e castigos escolares. No momento histórico vivido, com a transição tecnológica, facilidade de acesso aos conteúdos, bibliografias e produções audiovisuais, as relações ensino-aprendizagem se colocam como um desafio e exigem novos modelos.

Na busca pela libertação dos corpos, ampliação e tomada de consciência (Freire, 1997), as metodologias se destacam como possíveis lugares de movimento centradas na construção dialogada de conhecimentos. Isso ocorre quando os estudantes não apenas entram em contato com os saberes historicamente construídos e reproduzidos, mas experimentam, vivenciam, testam alternativas em diálogo com suas representações, saberes e vivências prévias.

Tal compreensão da potência e urgência de métodos que acompanhem estudantes em seu momento histórico, contexto, saberes acumulados e articulação entre atores dos processos educativos, organiza as propostas de metodologias ativas. Essas articuladas a partir da compreensão da centralidade do estudante na elaboração do conhecimento através de uma postura ativa de criticidade e construção de novas competências (PereirA, 2012).

A partir de discussões de problemas, trabalhos em grupos e experiências, os docentes atuam como mediadores e facilitadores e os estudantes desenvolvem novas competências como a iniciativa, criatividade, criticidade, trabalho em equipe, ética e responsabilidade (Mitre et al, 2008).

Essa forma de organizar a relação entre ensino-aprendizagem reflete na construção de espaços de diálogo e consequentemente no desempenho dos estudantes. A partir da análise do rendimento de 225 estudantes, Freeman et al (2014)

constataram o aumento no aproveitamento em estudantes cujas aulas foram organizadas a partir de metodologias ativas nos cursos de ciências, engenharia e matemática. Estudos como esse testam e constatam a hipótese de que o ensino pode ser maximizado em aprendizagens ativas.

Foram desenvolvidas diversas técnicas de metodologias ativas, como Sala de aula invertida, Gamificação, Estudo de caso, entre outras (Emerick, 2022) e na década de 1960, foi criado o método PBL (Problem-based learning), no Brasil denominado Aprendizagem Baseada em Problemas. Fundamentalmente este apresenta uma situação problema que passará pela análise e formulação de hipóteses, estudo autodirigido dos conteúdos pertinentes para serem aplicados na solução coletiva do problema (Borges, 2023). Esse método vem desde então sendo aplicado em diversas escolas e universidades.

Borges (2023) investigou como diante de uma disciplina considerada “pesada” pelo desafio e dificuldade que apresenta aos estudantes no curso de medicina, a saber a farmacologia, a utilização da técnica do *role-play* (interpretação de papéis) do método PLB construiu a facilitação na relação ensino-aprendizagem e contextualização do saber trabalhado. Nessa o estudante é convidado a vivenciar a simulação de uma situação que demande conhecimentos e habilidades e com a mediação docente construir novo repertório, como o atendimento a um paciente, elaboração de um diagnóstico ou elaboração de um documento. Segundo o autor,

Em um estudo observacional no qual o objetivo era descrever e analisar o *role play* como estratégia pedagógica para o ensino de Farmacologia Clínica em medicina demonstrou-se que o *role play* tem como principais potenciais, ser uma metodologia eficiente, dinâmica, divertida e agradável que permite maior facilidade na aprendizagem dos conteúdos, estimula o trabalho em equipe e a participação ativa do aluno (Borges, 2023, p.5).

Tal atividade demonstra fomentar e instrumentalizar o movimento dos corpos em estudante que durante as trocas e elaborações demonstram dinâmica nos movimentos e emoções agradáveis pela simulação que permite vivenciar

as sensações da atuação profissional, mas com a leveza de saber ser um treino. O docente se coloca também em movimento na mediação diante das hipóteses, pesquisas, posturas éticas dos estudantes e relações entre eles.

Desse modo, os processos educativos ocorrem em diálogo durante o processo ensino-aprendizagem e possibilitam relações mais horizontalizadas de poder. As pessoas envolvidas nas atividades, quer sejam estudantes ou docentes, encontram na potência de seus corpos e movimentos as ferramentas para criar, elaborar e construir conhecimentos, como preconiza a proposta da educação libertadora.

A partir da perspectiva apresentada até o momento, fundamentou-se a aula que teve como método o *role play* que o presente artigo se propõe a apresentar. Para tanto, utilizou o relato de experiência (RE) da docente como metodologia que abrange parâmetros críticos, reflexivos e intenta comunicar sobre a construção de conhecimentos de forma processual e acessível. Conforme afirmam Mussi, Flores e Almeida (2021),

Destaca-se que o RE não é, necessariamente, um relato de pesquisa acadêmica, contudo, trata do registro de experiências vivenciadas (Ludke; Cruz, 2010). Tais experiências podem ser, por exemplo, oriundas de pesquisas, ensino, projetos de extensão universitária, dentre outras. (p.62)

Assim sendo, este artigo apresenta o relato de uma experiência universitária com o intuito de refletir sobre a técnica metodológica adotada.

## Relato de experiência

A experimentação relatada nesse artigo retrata uma aula no curso de Psicologia em uma universidade pública federal na disciplina de Estágio Básico I em contextos socioeducativos com 39 estudantes do terceiro semestre e dois docentes.

Nessa disciplina, por meio da imersão no campo educacional, espera-se que o(a) acadêmico(a) possa: fazer uma leitura contextualizada da realidade observada; identificar demandas e possibilidades de ação de cunho transformador; realizar intervenções colaborativas; exercitar as habilidades de escuta psicológica e de observação de fenômenos psicológicos; descrever as manifestações verbais e não verbais como fontes primárias de acesso aos processos subje-

tivos; posicionar-se eticamente perante questões que envolvem as relações humanas. Para isso, a atuação dos estagiários é norteada pelos princípios da Psicologia e da Educação, fundamentada em uma escuta sensível, na análise dos contextos e compromisso com os agentes da comunidade escolar.

Nesta perspectiva, a atividade do *role play* em aula foi planejada com o objetivo de fomentar uma vivência que articulasse o movimento dos corpos a fim de exercitar os papéis e lugares a seres ocupados no estágio, as emoções e suas demonstrações, posturas profissionais como estagiários diante dos fenômenos observados no contexto educacional e constructos teóricos sobre a Educação e a Psicologia Educacional e Escolar.

Os campos do estágio a ser realizado pelos estudantes são as escolas públicas que oferecem o ensino médio. Esse então foi o cenário encenado: uma sala de aula, de uma turma de primeiro ano do ensino médio, com as cadeiras enfileiradas e a professora a frente da sala.

No primeiro momento, a turma foi dividida entre os atores que representariam a professora, os estudantes e os estagiários. Sem que estes acompanhassem a conversa em sala, algumas situações, que apresentariam fenômenos rotineiros na escola, foram acordadas com a turma – um casal heterossexual trocando carinhos, um casal homoafetivo, situações de bullying, falas racistas e violência física. Tais situações e as posturas adotadas pelas escolas e pela Psicologia diante desses fenômenos haviam sido debatidas em aulas anteriores.

Na encenação da aula, os estudantes se expressaram a partir das vivências e significados que trazem consigo como representações, concepções e memórias de como são adolescentes em aula. Demonstraram baixa ou nenhuma atenção à figura da professora, que insistentemente demandava por respeito, vivenciando a liberdade do movimento na infração à conduta preconizada na escola. Enquanto isso, conversavam com os colegas em um tom de voz mais alto, riam de piadas e brincadeiras entre si. Alguns mantiveram as cadeiras e organização da sala no modelo proposto inicialmente, enfileiradas, já os casais juntaram as cadeiras e trocaram carinhos, o que demonstrou as emoções que permeiam os momentos das aulas. De forma geral, todos pareciam muito animados, interagindo e se divertindo.

A estudante que representou a professora, ao perceber que não estava sendo ouvida ou olhando para ela, gradualmente aumentou o tom da voz para se fazer ouvir e pareceu bastante incomodada. Nas relações em sala, a postura da professora ou professor pode ser questionada por diversos aspectos. O experimento de interpretar esse papel social na relação com os alunos foi nomeado posteriormente pela estudante como enriquecedor, por humanizar a pessoa que ocupa tal papel social.

A dinâmica da aula foi produzida pelos estudantes, e não foi guiada pelos docentes. A concepção de Educação que se demonstrou enraizada nas representações orientadoras da simulação foi de uma educação bancária, com controle dos corpos e afetos, que ao desafiar a autoridade da professora apresentam na desobediência e quebra de regra a possibilidade de vivência do movimento.

Os estagiários inicialmente demonstraram procurar um lugar de aproximação e diferenciação do papel de estudante. Na situação, pareceram desconfortáveis e olhavam para toda a sala demonstrando procurar uma situação para fixar a atenção e observar, ao mesmo tempo em que todos os fenômenos se apresentavam ao mesmo tempo.

Alguns alunos falaram com os estagiários pedindo uma caneta emprestada e outro pedindo que concordasse com uma fala racista sobre uma colega, como uma forma de coadunar com o que chamou de “brincadeira”. A interação convocou os estagiários ao contato e pareceu causar expressões de insegurança em relação ao quanto deveriam se envolver ou não com os alunos quando estiverem nesse papel de estagiários.

Após certo tempo, a situação foi encerrada e, em roda, os estudantes começaram a compartilhar sobre suas experiências.

Os docentes responsáveis pela disciplina questionaram aos que performaram como estagiários sobre o que haviam observado e esses falaram das sensações que viveram ao se perceber diante daquele cenário que nomearam como “caótico”, da ansiedade e falta de lugar para o corpo no papel de estagiários e não mais como alunos. Desde o lugar em que deveriam se sentar, se poderiam ou não falar com os alunos durante a aula e para que direção deveriam se voltar corporalmente. Os sentimentos e desconfortos foram acolhidos e, em diálogo, houve

a possibilidade de construir possibilidades de repertórios e significações para a novidade da atuação em um primeiro estágio profissional.

Os estudantes também foram questionados sobre quais fenômenos haviam identificado em sala e então trouxeram o papel de autoridade docente, a indisciplina, a organização da aula e da sala, o racismo e homofobia reproduzidos em alguns gestos e fala, entre outras questões.

A partir das respostas, houve a oportunidade de problematização quanto ao papel dos estagiários durante as observações nos contextos escolares, os dilemas que podem existir, quais posturas éticas e profissionais são esperadas nesse primeiro exercício de formação e quais aspectos nesse cenário são questões para a atuação de um psicólogo educacional que se orienta para os processos educativos.

Na finalização da aula, houve a oportunidade de construir a reflexão sobre a postura da Psicologia nos espaços educativos, que prima pela colaboração com os atores do contexto, em articulação com o referencial teórico previamente trabalhado nas aulas e as responsabilidades éticas dos estagiários.

### Algumas considerações

A experiência relatada surgiu diante de um primeiro desafio à docente, na elaboração da proposta do *role play* e apresentação desta para a

turma. A herança histórica de uma educação que reproduz o saber social e historicamente construído fundamenta a representação dos atores na Educação, ainda que em um exercício de crítica ou questionamento. A proposta de movimento, encenação, sem script prévio, gerou um certo estranhamento por parte dos estudantes.

Contudo, diante das situações vividas, emoções e conteúdos levantados, ficou evidente a potência de uma aula que possibilita e fomenta o movimento e liberdade dos estudantes. Através de gestos, palavras e emoções, comunicaram sobre os sentidos que construíram a partir das teorias estudadas no que tange ao contexto do estágio, atores envolvidos e papel da Psicologia Educacional.

Essa experiência demonstrou o potencial das metodologias ativas na integração entre a cognição, o afeto e os vínculos sociais. Os estudantes, ao experenciar os papéis no movimento e sensações dos corpos puderam comunicar suas concepções sobre o contexto educacional, o papel da Psicologia nas escolas e o exercício da profissão. A docente pôde identificar algumas expectativas e concepções sobre o estágio e as posturas dos estudantes e teve a oportunidade de tecer reflexões em articulação com o referencial teórico da disciplina.

### Referências bibliográficas

- BORGES, Yan Santos et al. Análise do impacto da técnica do role play como ferramenta de metodologia ativa no ensino da farmacologia em um curso de graduação de medicina. *Revista de Medicina*, v. 102, n. 3, 2023.
- BRIGHTENTE, M. F.; MESQUITA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora, *Revista Pro-posições*, v. 27, n. 1, p. 155-177, 2016.
- EMERICK, Ludmila Barbosa Bandeira Rodrigues, et al. Guia prático de metodologias ativas para o ensino superior / Ludmila B. B. R. Emerick, Roberta M. Nogueira, Fabiana A. da Silva. 1ª edição. Cuiabá-MT: Fundação Uniselva, 2022. Livro Eletrônico. Ilustrado e colorido (MT Ciência.)
- FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1991.
- FREIRE, Paulo. Educação "bancária" e educação libertadora. *Introdução à psicologia escolar*, v. 3, p. 61-78, 1997.
- FREEMAN, Scott et al. Active learning increases student performance in science, engineering, and mathematics. *Proceedings of the national academy of sciences*, v. 111, n. 23, p. 8410-8415, 2014.
- MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Revista práxis educacional*, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021
- Mitre, S. M., Siqueira-Batista, R., Girardi-de-Mendonça, J. M., Moraes-Pinto, N. M. de, Meirelles, C. A. B., Pinto-Porto, C., Moreira, T., & Hoffmann, L. M. A. (2008) Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. *Ciência & Saúde Coletiva*, 3(2), 2133-2144.
- PEREIRA, Rodrigo. Método ativo: técnicas de problematização da realidade aplicada à Educação Básica e ao Ensino Superior. *VI Colóquio internacional. Educação e Contemporaneidade. São Cristóvão, SE*, v. 20, 2012.
- VILELA, S.H. O movimento humano em pauta: o corpo na aprendizagem de crianças, jovens e adultos. In: FERNANDES, A.P., and LOPES, P.C., eds. O cotidiano escolar de crianças, jovens e adultos em rodas de conversas [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2020, pp. 169-185. ISBN: 978-65-87949-02-4. <https://doi.org/10.7476/9786587949024.0010>.
- VYGOTSKI, L. S. . Obras Escogidas III. Madrid: Visor. (Original publicado em 1931), 2013.